



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA- UNIVAR**

**UMA REFLEXÃO FENOMENOLOGICA EXISTENCIAL ACERCA  
DOS DESAFIOS E CONSEQUENCIAS ENFRENTADOS POR  
MULHERES DIAGNOSTICADAS TARDIAMENTE COM TDAH**

MARIANA LIRA CHARNESKI

Barra do Garças – MT, outubro de 2024.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA- UNIVAR**

**UMA REFLEXÃO FENOMENOLOGICA EXISTENCIAL ACERCA  
DOS DESAFIOS E CONSEQUENCIAS ENFRENTADOS POR  
MULHERES DIAGNOSTICADAS TARDIAMENTE COM TDAH**

MARIANA LIRA CHARNESKI

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia, sob orientação da Professora Me. Bárbara Milhomem Crivelini.

Barra do Garças – MT, outubro de 2024.

# UMA REFLEXÃO FENOMENOLOGICA EXISTENCIAL ACERCA DOS DESAFIOS E CONSEQUENCIAS ENFRENTADOS POR MULHERES DIAGNOSTICADAS TARDIAMENTE COM TDAH

Mariana Lira Charneski<sup>1</sup>, Bárbara Milhomem Crivelini<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa fundamenta-se na perspectiva fenomenológica existencial, com o objetivo de analisar a realidade de mulheres diagnosticadas tardiamente com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, no qual fora realizada por meio de um questionário elaborado no criador de formulários online (*Google Forms*) e enviada ao público-alvo por meio de veículos digitais como *WhatsApp* e *Instagram*. O foco está na relação das participantes com o transtorno, explorando suas características pessoais, vivências e percepções sobre si mesmas antes e depois do diagnóstico. A pesquisa considera a idade do diagnóstico, a busca por este, a conscientização sobre o transtorno e as comorbidades associadas. Na análise, foram destacados os temas mais relevantes, evidenciando a importância do entendimento do transtorno e seus efeitos, antes e depois do diagnóstico, bem como os impactos e consequências decorrentes do diagnóstico realizado tardiamente. Este estudo contribui para uma maior compreensão das particularidades do TDAH em mulheres, enfatizando a necessidade de um diagnóstico realizado ainda na infância, além de um tratamento mais humanizado onde preconize a singularidade dessas mulheres.

**Palavra-Chave:** Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade; Mulheres, Diagnóstico tardio.

## ABSTRACT

This research is grounded in the existential phenomenological perspective, aiming to analyze the reality of women diagnosed late with attention deficit hyperactivity disorder (ADHD). The study was conducted through a questionnaire created using Google Forms and disseminated to the target audience via digital platforms such as WhatsApp and Instagram. The focus is on the participants' relationship with the disorder, exploring their personal characteristics, experiences, and self-perceptions before and after the diagnosis. The research considers the age of diagnosis, the pursuit of this diagnosis, awareness of the disorder, and associated comorbidities. In the analysis, the most relevant themes were highlighted, emphasizing the importance of understanding the disorder and its effects before and after diagnosis, as well as the impacts and consequences stemming from a late diagnosis. This study contributes to a deeper understanding of the particularities of ADHD in women, emphasizing the need for a diagnosis made during childhood and a more humanized treatment that recognizes the uniqueness of these women.

**Keywords:** Attention Deficit Hyperactivity Disorder; Women; Late Diagnosis.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, têm surgido reflexões significativas sobre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), mas ainda se fala pouco sobre a experiência das mulheres que são diagnosticadas tardiamente ou que permanecem sem diagnóstico. Estudos contemporâneos apontam que a psicopatologia afeta uma mulher a cada cinco homens (Silva,

---

<sup>1</sup> Discente do Curso Bacharel em Psicologia do Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil.

<sup>2</sup> Docente do Curso Bacharel em Psicologia do Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2018). Mestre em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2023). Especialização em Formação Didático-Pedagógica para cursos na Modalidade à Distância pela UNIVESP. Participa do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS), realiza atendimentos psicológicos a estudantes da UNESP.

2009), evidenciando uma tendência preocupante de diagnósticos tardios, frequentemente ocorrendo na vida adulta.

É importante destacar que muitas mulheres com TDAH manifestam predominantemente sintomas de desatenção. Essa experiência pode levar à construção de uma autoimagem distorcida, onde a mulher se vê apenas como "distraída", sem perceber a profundidade de sua condição (Alberti e Bartz, 2018). Essa percepção limitante impede que elas tomem consciência de sua psicopatologia, refletindo um fenômeno que merece atenção.

Além disso, ao abordar o TDAH sob uma perspectiva fenomenológica, é crucial resgatar a história vivida dessas mulheres. O transtorno não deve ser visto apenas como um conjunto de sintomas, mas como um fenômeno que abrange dimensões físicas, psíquicas, sociais, culturais e históricas (Silveira e Braga, 2006). Essa abordagem holística permite compreender como as pressões sociais e as expectativas impostas às mulheres criam um ambiente que favorece a autocobrança excessiva e a sensação de inadequação.

Essa pressão social pode gerar altos níveis de estresse e ansiedade, especialmente entre mulheres que não têm consciência de seu transtorno. Elas se veem constantemente tentando atender a padrões que muitas vezes são inatingíveis, o que pode intensificar a luta interna e a sensação de fracasso. No entanto, o diagnóstico deve ser encarado não como uma rotulação, mas como uma oportunidade de esclarecimento e autoanálise. Esse processo pode abrir espaço para uma nova visão de si mesmas, permitindo que essas mulheres se reconectem com suas potencialidades e se aceitem em sua totalidade, acolhendo tanto suas dificuldades quanto suas capacidades.

A perspectiva fenomenológica existencial, em relação aos transtornos de déficit de atenção (TDAH) destaca a experiência subjetiva e única de indivíduos que vivenciam essa condição, de acordo com Guisso (2016, p. 544) “A integração da pessoa e do mundo se dá por meio dos processos de ajustamento criativo”. Concentrando-se em perceber como as pessoas com TDAH compreendem e interpretam o mundo ao seu redor, considerando suas experiências imediatas e subjetivas em relação as suas experiências com o mundo.

Dessa forma é relevante caracterizar os desafios mediante a falta de entendimento do transtorno, podendo ocorrer conflitos familiares, frustrações e sentimentos de isolamento, possibilitando declínios significativos no desempenho acadêmico e profissional, gerando um impacto na relação do eu-tu e eu-mundo. Segundo Angerami (1984) o existencialismo, em sua exuberância, mostra que a existência é um contínuo vir a ser, um sempre ainda não, com a possibilidade de um poder ser, desse modo, a rotulação pode aprisioná-lo dentro de determinadas categorias diagnósticas.

Nesse contexto, a fenomenologia existencial explora questões como a atenção fragmentada, a impulsividade e a hiperatividade sob a ótica individual, buscando perceber como esses elementos afetam a vivência diária da mulher TDAH. Ao adotar essa abordagem, pode-se desenvolver uma compreensão mais profunda das nuances e desafios enfrentados por quem lida com esse transtorno.

Com isso, a abordagem fenomenológica existencial oferece uma perspectiva interessante sobre a experiência das mulheres com TDAH, explorando como a condição influencia sua percepção e vivência do mundo. A fenomenologia destaca a importância da subjetividade e experiência individual, enquanto a abordagem existencial considera a relação entre a pessoa e sua existência. Podendo proporcionar insights mais profundos sobre como o TDAH afeta a autopercepção, relacionamentos e a forma como essas mulheres se relacionam com o ambiente ao seu redor e lida com as sobrecargas impostas a elas.

Nesse sentido, as contribuições da fenomenologia existencial podem favorecer significativamente nessa descoberta da dualidade entre o indivíduo e a psicopatologia, considerando os fenômenos da desatenção no contexto social e subjetivo. Levando em conta as experiências vividas ao longo de sua existência, até chegar a sua atual essência, reafirmando o pensamento de Sartre (1998, p. 545) “a existência precede a essência.” Diante desse pensamento, Sartre implica que, ao explorar a dualidade entre o indivíduo e a psicopatologia, é essencial reconhecer que as experiências vividas são essenciais para a formação do ser.

Na abordagem clínica fenomenológica existencial aplicada ao TDAH, o foco recai a compreensão da experiência única do indivíduo com esse transtorno. O profissional psicólogo busca explorar como o TDAH influencia a percepção, a autenticidade e a liberdade do paciente em sua existência diária. A terapia fenomenológica existencial pode instruir o paciente a explorar questões como a gestão emocional, a autenticidade nas relações e a construção de significado em meio aos desafios do transtorno. Segundo Augras (1986) a saúde encontra-se nesse fogo de interações. Pois cada estado de equilíbrio alcançado destrói o estado anterior. A vida procede dialeticamente. Ordem e desordem são etapas constantes no desenvolver do homem e do mundo.

Com isso, Augras (1986) define a doença e a saúde como etapas de processo de equilíbrio na relação eu-mundo, constituindo-se mútua essa intersecção entre o mundo e si mesmo. Nesse sentido, pode-se levar em consideração que o TDAH uma vez que negligenciado pode ocasionar a associação de outros transtornos patológicos, como ansiedade, depressão ou compulsões, no entanto, visto que a psicopatologia para a fenomenologia é interpretada de

acordo com as experiências vividas pelo sujeito, é válido considerar todo o processo no qual foi percorrido.

A pesquisa em questão, busca explorar a negligência no diagnóstico do transtorno, e elencar os possíveis danos por traz disso. Portanto é possível pontuar que o TDAH pode vir associado a comorbidades, constituindo-se de acordo com as correlações existências que precedem a atual essência. Autores como Calliman (2010) e Moysés e Collares (2011) acrescentam que profusos fatores históricos e culturais podem ter influenciado no desenho diagnóstico do referido transtorno e suas comorbidades.

Diante dessa perspectiva, uma visão sistêmica dos transtornos mentais é afirmada por Fuchs (2012, p. 331) que “o transtorno final é o produto de uma cascata de influências subjetivas, neurológicas, sociais e ambientais que estão continuamente interagindo umas com as outras”. Com base na fala de Fuchs, é relevante considerar todos os fatores subjetivos da vida do indivíduo, bem como suas habilidades sociais, autoestima, autocontrole e motivações, e de qual forma esses agentes podem estar interligados, promovendo um entendimento mais abrangente do impacto do TDAH na vida do indivíduo.

Dessa maneira, a baixa autoestima pode resultar na falta de motivação para enfrentar os desafios do dia-dia, ou influenciar em sua autopercepção intelectual e física, enquanto as habilidades sociais subdesenvolvidas podem dificultar a interação com os outros e levar a sentimentos de isolamento, da mesma forma, a ausência do autocontrole, que pode afetar a capacidade do indivíduo de gerenciar impulsos. Ao reconhecer e abordar esses fatores de maneira holística, é possível promover estratégias terapêuticas mais eficazes a fim de otimizar a qualidade de vida dessas mulheres.

Tais reflexões acerca do TDAH juntamente com a subjetividade dessas mulheres, contribuem para um entendimento mais amplo e humanizado do transtorno, levando em consideração a complexidade das experiências vivenciadas e as nuances de cada jornada. Permitindo um olhar mais empático e centrado na paciente, possibilitando o desenvolvimento de estratégias personalizadas e eficazes, que levam em conta as necessidades específicas e as metas individuais, sendo essencial para promover o bem-estar, conhecimento pessoal e o autor respeito.

Diante disso, justifica-se a presente pesquisa nos estudos existenciais relacionados a psicopatologia da atenção, visando os desafios por trás do diagnóstico tardio do transtorno para as mulheres, correlacionando as condições sociais, ambientais e biológicas, a fim de gerar uma reflexão compreendendo a capacidade do indivíduo de lidar com seus sofrimentos, intervindo nas suas potencialidades, bem como nas suas restrições no modo de existir. Pensar a existência,

segundo Heidegger (1927), é dizer sobre o Dasein, que, também, diz “ser-no-mundo” considerando não apenas os sintomas objetivos, mas também como essas características afetam suas percepções de si mesmas e as relações com o mundo.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa de caráter descritiva-exploratória qualitativa, busca gerar uma reflexão acerca da vivência de mulheres TDAH no qual tiveram seus diagnósticos negligenciados. O estudo foi conduzido por meio de um questionário, estruturado no criador de formulários online do *Google Forms*, contendo dez perguntas ao todo, sendo quatro objetivas e seis descritivas, que ficaram disponíveis do dia 28/05 ao dia 15/08.

As perguntas dispostas no questionário foram direcionadas a questões como, idade da participante, idade do diagnóstico, se houve questionamentos relacionados ao transtorno na infância, adolescência e vida adulta antes do diagnóstico de fato, se estão presentes em suas vidas comorbidades como ansiedade, depressão ou compulsões advindas do transtorno não identificado e como se deu a relação entre o diagnóstico e suas percepções individuais acerca de si mesmas. O formulário foi encaminhado através de um *link* pelo *WhatsApp* e *Instagram* para o público-alvo.

Nesse sentido, as participantes da pesquisa foram localizadas através de uma publicação do Instagram no qual o assunto se referia ao TDAH especificamente em mulheres, as mesmas foram convidadas a participar da pesquisa e se dispuseram a colaborar, sendo informadas que as respostas obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos, acordado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Sendo todas as participantes com faixa etária entre 28 e 48 anos e diagnosticadas entre 26 e 48 anos.

A partir das respostas obtidas no formulário, foram realizadas análises minuciosas a fim de identificar a relação dessas mulheres com o diagnóstico e a sua própria personalidade, buscando compreender o modo de “estar-no-mundo” e a constituição do fenômeno psicopatológico no sujeito TDAH na perspectiva da construção de sua história de vida, que é única, uma vez que viveram grande parte de suas vidas sem a consciência do transtorno. Esta pesquisa toma a manifestação patológica do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) em uma perspectiva da psicopatologia fenomenológica, na busca por compreender a experiência vivida de mulheres que sofrem com este transtorno, abrindo espaço para que se possa ir além da doença.

Considerando que o diagnóstico tardio pode desencadear danos indesejados na vida dessas mulheres, no entanto, o diagnóstico torna-se esclarecedor ao proporcionar um novo olhar para os desafios enfrentados ao longo da vida, permitindo que essas mulheres se percebam dentro do transtorno e recebam suporte e tratamento adequados para elevar a qualidade de vida e reduzir os danos causados pelo diagnóstico negligenciado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na pesquisa foram classificados de acordo com as perguntas realizadas no formulário, para melhor entendimento do leitor e disposição dos dados coletados, a pesquisa foi encerrada com 12 respostas. As respectivas participantes serão citadas no decorrer da análise como P. e diferenciadas de forma numérica do 1 ao 12.

As análises foram realizadas com base nas respostas coletadas no formulário, e foi possível identificar um padrão nas respostas em função das características do público-alvo. No entanto, o foco desta pesquisa é destacar a singularidade de cada participante e como elas fizeram ajustes criativos para melhorar sua experiência existencial. Segundo Melo e Boris (2009), a psicopatologia fenomenológica existencial entende a doença a partir da perspectiva do próprio sujeito, considerando-a como um modo de existir e uma construção que o indivíduo elabora para dar significado às suas vivências.

Ao considerar a finalidade da pesquisa, que busca refletir fenomenologicamente sobre os desafios e consequências do diagnóstico tardio do TDAH em mulheres, observa-se uma fragilidade nas relações interpessoais e pessoais. A partir das respostas obtidas, o gráfico (figura 01) apresentará a faixa etária das participantes da pesquisa. Pereira (2012) destaca que o TDAH é um dos distúrbios mais comuns entre crianças e jovens, começando na infância e se estendendo até a vida adulta. Com base nessa afirmação, é importante ressaltar todo o percurso que essas mulheres trilharam até reconhecerem algo tão significativo para suas vidas.

**Faixa etária diagnóstica**

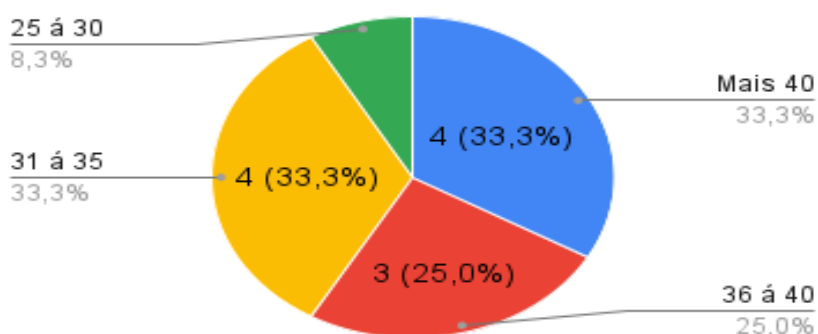


Figura 01.  
Fonte: Autoria Própria.

Considerando os dados, 33,3% das mulheres só tomaram consciência do transtorno tardiamente, após passarem por fases desafiadoras como a escolaridade, a adolescência e o início da vida adulta. Nesse período, enfrentam uma série de responsabilidades e desafios, como o estabelecimento de uma rotina, a inserção no mercado de trabalho, a busca por estabilidade financeira e a gestão de relações interpessoais, incluindo relacionamentos amorosos e amizades.

De acordo com Nussbaum (2020), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) muitas vezes passa despercebido em mulheres até a vida adulta, pois os sintomas podem se manifestar de maneira menos evidente e, frequentemente, são confundidos com questões emocionais ou atribuídos a estresse e fatores hormonais. Entrando no quesito, a busca pelo diagnóstico será realizada a seguir comparações entre as respostas das participantes, relacionando como foi e os motivos que as levaram buscar uma resposta para os desajustes emocionais.

É notório um padrão entre as participantes, onde a maioria se enquadra na característica de desatenção, onde oito delas são predominantemente mais desatentas e apenas quatro conseguem identificar a desatenção e hiperatividade. As participantes P.1, P.7 e P.8 relataram que foram diagnosticadas após o diagnóstico dos filhos, enquanto P.2, P.4, P.9 e P.11 consideram que os recursos atuais, como o acesso à internet, possibilitam que as pessoas tenham mais informações quanto aos transtornos e seus sintomas. Tais informações usadas de forma consciente e acompanhada de um diagnóstico profissional, podemos afirmar que:

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, o diagnóstico médico realizado por meio de plataformas digitais tem se tornado cada vez mais comum. Estudos indicam que ferramentas digitais podem facilitar a triagem inicial, mas levantam questões sobre a precisão e a adequação desses diagnósticos quando comparados ao atendimento presencial (Silva, 2020, p. 134).

As contribuintes P.5, P.6, P.10 e P.12 pontuam questões relacionadas a vida cotidiana, elas se referem as metas que vão se acumulando, ao sentimento de inferioridade por não conseguir da conta de tudo, falta de organização financeira e dos afazeres do dia-dia, problemas esses que tornaram-se pesos diários e autocobranças. Pellegrinelli (2022, p. 6) afirma essa questão quando aponta que “os sintomas de desatenção em adultos com TDAH podem levar a uma má administração do tempo, incapacidade de cumprir tarefas e desorganização ou procrastinação crônica”

A participante P.3 considera que o fator principal no qual a fez descobrir o TDAH na vida adulta, foi o diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizado (TAG). A relação entre TDAH e TAG é frequente, uma vez que os sintomas de ansiedade podem encobrir os sinais de desatenção, atrasando o diagnóstico do TDAH até a idade adulta (Kessler *et al.*, 2006).

Como discutido até então, o diagnóstico tardio demonstra certa negligência, por parte dos veículos de informação, no qual foram essenciais para a diagnóstico de grande parte das colaboradoras da pesquisa. Contudo entende-se que com os avanços tecnológicos tanto o acesso à informação quanto a medicina adquiriram maior conhecimento acerca dos transtornos mentais.

No entanto, as próprias participantes, encontraram sua forma de existir e adaptar-se com as condições que lhe eram dadas, uma vez que houve ajustamentos criativos a fim de encaixar-se dentro de suas limitações. Conforme Santos (2016, p. 230) pontua “o indivíduo passa por situações nas quais é necessária utilização do ajustamento criativo para criar mecanismos adaptativos e viver em equilíbrio”

Questiona-se então se existem comorbidades associadas a esse diagnóstico tardio. Foi possível perceber que apenas duas participantes não tiveram outra patologia associada ao transtorno, na figura 02 destaca as principais comorbidades no qual foram percebidas:

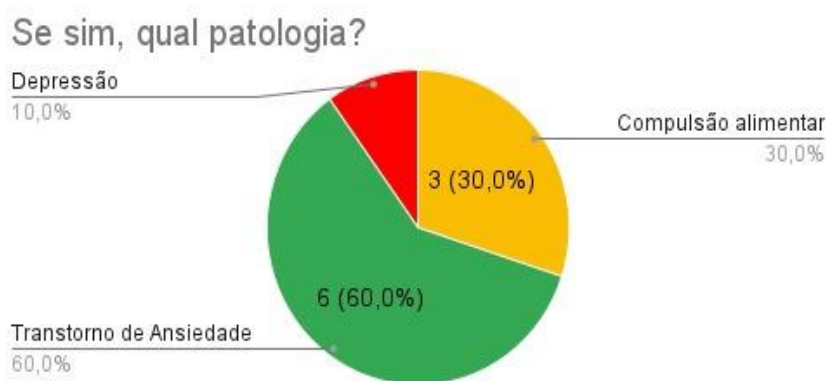


Figura 02.  
Fonte: Autoria Própria.

Nesse contexto, é importante destacar que o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) afetou 60% das mulheres participantes da pesquisa. Poderia ser esse um ajuste criativo disfuncional desenvolvido para que elas pudessem ser tão produtivas quanto as mulheres consideradas típicas? Além disso, é relevante mencionar que Lima (2009, p. 89) afirma que “Kurt Goldstein percebeu que, quando uma pessoa é confrontada a realizar algo que acredita não ser capaz de fazer, isso gera uma experiência de grande ansiedade.”

Considerando o apontamento do autor, é possível relacionar essa grande porcentagem referente a ansiedade ocasionada pelo transtorno não identificado com a compulsão alimentar, que seria uma resposta resultante da ansiedade. De acordo com Lourenço (2016 *apud* Souza *et al.*, 2017, p. 02) “o comportamento alimentar pode ser bastante afetado pelas emoções, visto que as suas escolhas alimentares, as quantidades ingeridas e a frequência das refeições dependem de vários fatores, sendo um deles as emoções e não apenas as suas necessidades fisiológicas”

Desse modo, as comorbidades associadas podem ser consequências do transtorno identificado tardiamente. No entanto, estas características são inerentes ao ser humano, e foram acentuadas na presente pesquisa apenas como forma de análise e relações entre as respondentes no qual se classificam dentro de uma pequena porcentagem da sociedade.

Partindo desse ponto, questiona-se então, se as participantes conseguem diferenciar suas características pessoais dos estereótipos do TDAH. Tal questionamento deu-se por conta da confluência entre o transtorno e a individualidade de cada participante, podendo ser visualizado de forma clara na figura 03:

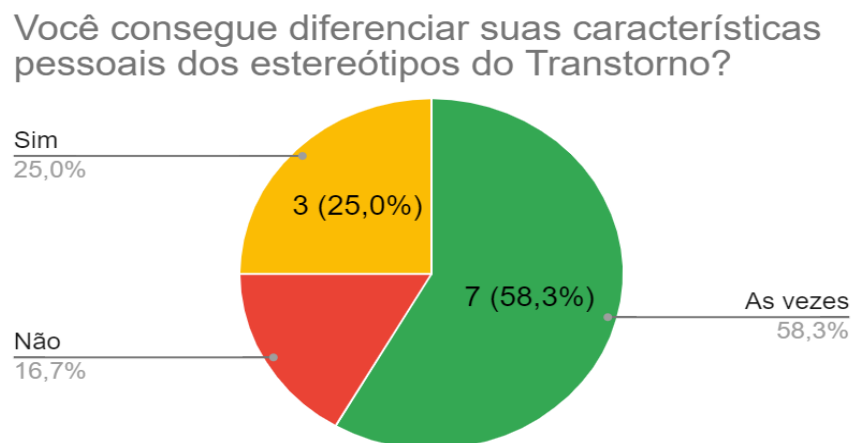


Figura 03.  
Fonte: Autoria Própria.

Diante do exposto, é fundamental lembrar que o ser humano é visto enquanto uma unidade indivisível e um ser inerentemente relacional, que se constrói e se reconstrói a cada instante a partir de seu existir com o mundo e com o outro, estabelecendo um campo organismo/ambiente (Alvim, Bomben e Carvalho, 2010). Considerando o ponto de vista do autor, o ser humano é uma unidade indivisível e mutável de acordo com as relações consigo e com o mundo, bem como as suas individualidades podem emergir para além do transtorno.

Dessa maneira, 58,3% das participantes pontuam que “as vezes” conseguem diferenciar suas características pessoais das características do TDAH. Assim, a perspectiva de que o ser humano é mutável e influenciado por suas relações sugere que as individualidades podem se destacar, independentemente do diagnóstico.

De acordo com a autora Guisso (2016, p. 544) “Quando as funções de contato são fluídas no campo, a pessoa irá realizar contatos mais plenos com o ambiente, de forma a suprir as suas próprias demandas”. Essa capacidade de fluidez é essencial para promover um senso de identidade que vai além do transtorno, permitindo que essas mulheres reconheçam suas habilidades e potencialidades. Ao explorar essa dimensão relacional, entende-se que com a consciência do transtorno essa distinção torna-se mais sugestiva.

A fim de melhor compreensão de como essas mulheres se percebem para além do transtorno, foi levantado o seguinte questionamento: “Como é para você ser uma mulher TDAH?” As respostas variaram consideravelmente, algumas participantes optaram por respostas breves e diretas, utilizando apenas uma palavra, enquanto outras compartilharam sentimentos e percepções mais elaboradas. A seguir, apresentaremos algumas das respostas que foram cuidadosamente selecionadas.

Inicialmente, as participantes P.1 e P5 definiram como frustrante e desafiador ser uma mulher TDAH. Essa percepção pode ser compreendida à luz da fenomenologia existencial, que enfatiza a importância da vivência subjetiva e da individualidade. Para Merleau-Ponty (1962), a experiência é sempre situada em um contexto social e histórico, e as mulheres com TDAH frequentemente enfrentam a dualidade de serem vistas através de estigmas sociais, o que pode intensificar sua sensação de inadequação e frustração.

A declaração das participante P.3, P.6 e P.9 que mencionam se sentir verdadeiramente conhecedoras de si mesma apenas após o diagnóstico, ilustra o processo de autoconhecimento como uma jornada existencial. Como Heidegger (1927) discute em *Ser e Tempo*, o ser humano é um ser-no-mundo, e essa relação com o mundo e consigo mesmo é fundamental para a compreensão da própria existência. O autoconhecimento, então, não é um destino, mas um processo contínuo de desvelamento, onde cada nova experiência e descoberta traz uma maior compreensão do ser.

A contribuinte P.12 ressalta: “Minha vida é dividida em antes e depois do diagnóstico, hoje me respeito mais e consigo estabelecer estratégias para me manter mais focada nos meus objetivos” esse divisor de águas na vida de participante permite um olhar mais empático para sua própria história, refletindo o conceito de autenticidade.

Como aponta Rollo May (1975), a autenticidade é um componente essencial da experiência humana, onde o reconhecimento de si mesmo e a aceitação de suas limitações possibilitam um caminho mais significativo. O diagnóstico não apenas representa uma mudança na forma como a participante se percebe, mas também um convite à autoaceitação e à construção de estratégias que favorecem o seu crescimento pessoal.

Assim como pontua P.10 “[...] após dois anos do diagnóstico eu me sinto completa e feliz por me respeitar e conseguir me tratar para viver uma vida mais funcional”. Ainda considerando a autora Guisso (2016, p. 544) “qualquer ação da pessoa no campo não vem separada do contexto e todas as suas vivências e experiências se organizam em uma teia de relacionamentos que se interpenetram, o que difere da noção de causa e efeito”.

Essa relação de respeito por suas limitações e a elaboração de estratégias que promovam uma melhor qualidade de vida são fundamentais, e isso só se torna viável através de uma relação mútua de autocompreensão e aceitação de suas experiências vividas. Nesse sentido é válido considerar todo o contexto dessas mulheres para além do diagnóstico.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa apresentada buscou aprofundar a compreensão sobre a experiência de mulheres diagnosticadas tardiamente com o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), revelando a complexidade e os desafios enfrentados nesse processo. Através de uma abordagem fenomenológica existencial, foi possível perceber como as vivências pessoais, sociais e culturais moldam a autoimagem dessas mulheres, frequentemente distorcida pela falta de reconhecimento de suas dificuldades.

Os dados coletados mostram que muitas participantes enfrentaram uma jornada longa e árdua até a identificação de seu transtorno, com suas experiências frequentemente sendo resumidas desatenção ou emocionalidade, sem a devida consideração da psicopatologia em sua totalidade. A análise dos relatos destaca que o diagnóstico tardio não apenas impacta a vida diária das mulheres, mas também intensifica sentimentos de inadequação, culpa e autocrança, reforçando a necessidade de uma abordagem mais sensível e informada sobre o TDAH em mulheres.

Além disso, a pesquisa evidencia a relação intrínseca entre o TDAH e comorbidades como ansiedade e depressão, sugerindo que essas condições podem ser tanto consequências do transtorno não tratado quanto fatores que complicam ainda mais a experiência de vida das participantes. A importância de uma visão holística é fundamental para a compreensão e intervenção efetiva, considerando a singularidade de cada indivíduo.

O reconhecimento do TDAH como um fenômeno que não deve ser reduzido a sintomas isolados, mas compreendido em sua totalidade, foi uma das chaves para fomentar a autoaceitação e o desenvolvimento de estratégias adaptativas. As participantes relataram uma mudança significativa em suas vidas após o diagnóstico, indicando que este pode ser um ponto de virada que possibilita uma nova perspectiva sobre si mesmas e suas relações com o mundo.

Por fim, este estudo reafirma a necessidade de maior conscientização e educação sobre o TDAH, especialmente em relação às mulheres, para que possam ser identificadas e tratadas de forma adequada desde cedo. Compreender a experiência dessas mulheres e oferecer suporte psicológico que valorize sua subjetividade e potencialidades pode possibilitar uma qualidade de vida melhor, tornando o processo mais equilibrado e satisfatório. A pesquisa, portanto, não apenas apresenta a realidade do TDAH em mulheres, mas também propõe uma mudança no paradigma a fim de valorizar a singularidade de cada experiência, promovendo uma visão mais empática e inclusiva em contextos clínicos e sociais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI, V. A. **Existencialismo e psicoterapia**, São Paulo: Traço, 1984

ALBERTI, Yara Vieira; BARTZ, Adriane de Lima Vilas Boas. **SONHADORAS E DISTRAÍDAS: TRANSTORNO DO DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO SEXO FEMININO**.

ALVIM, Mônica Botelho; BOMBEN, Emmanuela; CARVALHO, Natália. “PODE DEIXAR QUE EU RESOLVO!”—RETROFLEXÃO E CONTEMPORANEIDADE. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 16, n. 2, p. 183-188, 2010.

Caliman, L. V. (2010). Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH. **Psicologia: ciência e profissão**, 30, 46-61.

MELO, Anna Karynne da Silva; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; STOLTENBORG, Violeta. Reconstruindo sentidos na interface de histórias: uma discussão fenomenológico-existencial da constituição do sujeito borderline. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 15, n. 2, p. 133-142, 2009.

PELLEGRINELLI, Maria Júlia de Carvalho et al. Abordagem dos impactos na qualidade de vida de pacientes adultos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) não diagnosticado. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 18, p. e11084-e11084, 2022.

DE SOUZA, Dalila Teotonio Bernardino; DE MORAIS LÚCIO, Jordânia; ARAÚJO, Adiene Silva. Ansiedade e alimentação: uma análise inter-relacional. In: **II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**. 2017.

Fuchs, T. (2012). As doenças mentais são doenças do cérebro? (págs. 331-344). Em Suparna Choudhury e Jan Slaby (Eds), **Neurociência Crítica: Um Manual de os Contextos Sociais e Culturais da Neurociência**. Publicação Blackwell.

GUISSO, Luciane; FABRO, Ana Carla. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: o olhar da Gestalt Terapia. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 2, p. 540-551, 2016.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo, parte I (MS Cavalcante, Trad.) Petrópolis: Vozes. **Trabalho original publicado em**, 1927.

KESSLER, Ronald C. et al. Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the National Comorbidity Survey Replication. **Archives of general psychiatry**, v. 62, n. 6, p. 593-602, 2005.

MAY, Rollo. **The Courage to Create**. New York: A Bantam Book. 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of perception**. Translated by Colin Smith, 1965.

Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. L. O lado escuro da dislexia e do TDAH. In M. G. D. Facci, M. E. M. Meira, & S. C. Tuleski, **A exclusão dos incluídos: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos** (pp. 103-153). Maringá: EDUEM

NUSSBAUM, Lily. **ADHD in Women: A Comprehensive Guide to Diagnosis and Treatment**. New York: Springer, 2020.

PEREIRA, Ana Leticia Guedes. **Narrativas de pais sobre meninas com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: um estudo sob o enfoque sistêmico**. 2012.

LIMA, Patrícia Albuquerque. Criatividade na Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 87-97, 2009.

SANTOS, Bruna Taynara César et al. AJUSTAMENTO CRIATIVO NO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO NUMA VISÃO GESTÁLTICA. **REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-UNIVERSO-GOIÂNIA**, n. 3, 2016.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973. \_\_\_\_\_. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Objetiva. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, João. **A Revolução Digital na Medicina: Desafios e Oportunidades**. São Paulo: Editora Saúde Digital, 2020.

SILVEIRA, L. C., & BRAGA, V. A. B. Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, 13(4), 591-595